

## NOTAS SOBRE AS LIÇÕES 5 E 6 DO SEMINÁRIO 6 DE JACQUES LACAN - A IDENTIFICAÇÃO

[publicado na Revista Literal 7 "As Identificações" - Escola de Psicanálise de Campinas  
- 2004 - pp.165-172]

Márcio Mariguela  
Psicanalista e professor de filosofia na UNIMEP

Numa entrevista ocorrida em novembro de 1966, logo depois do lançamento dos *Écrits*, perguntaram a Lacan como ele se situa em relação a Freud? A Resposta foi categórica:

"Eu gostaria de afirmar já de início que tudo o que eu escrevi é inteiramente determinado pela obra de Freud. Isto é que eu reivindico em primeiro lugar: eu sou aquele que leu Freud. Também li alguns outros, é claro, mas de uma maneira que não há nada comparável: Hegel, por exemplo. Não entendo de que modo leram o que eu escrevi, para desta leitura chegarem a crer que eu me servia fielmente de seu sistema, enquanto este não era para mim nada mais do que uma máquina de desafiar os delírios da identificação"<sup>1</sup>.

Lembrei-me deste episódio pelas referências que Lacan faz a dois de seus trabalhos publicados nos *Escritos*: "O seminário sobre 'A carta roubada'", proferido em abril de 1955 e publicado em 1957 e, a conferência "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", proferida no anfiteatro Descartes, na *Sorbonne*, em maio de 1957. Como vemos, Lacan remete seus ouvintes-leitores às marcas de seu ensino, aos traços que delineiam o

---

<sup>1</sup> LACAN, 1994, p.48.

horizonte para onde os conduz: tal como um cartógrafo, vai demarcando seu campo.

A leitura que realizei das Lições 5 e 6 do *Seminário 9* está marcada pela apresentação que os membros da Comissão de Ensino realizaram na abertura do projeto de trabalho para a Escola no ano de 2002. Também acompanhei as apresentações das lições anteriores, onde a fala de meus colegas Vitor Meira Monteiro e Maria Rita Salzano possibilitaram-me reconhecer a eficácia do estilo. Cada um lê de um jeito. É justamente na multiplicidade que o estilo é definido.

Lacan leu Freud é bem verdade. É como leitor de Freud que ele se apresenta quando do lançamento de seus *Escritos*. Disse, como vimos, que Freud foi utilizado como instrumento - uma máquina - *para desafiar os delírios da identificação*. Aqui o estilo se apresenta, se mostra, se dá a ver. Um exemplo de como Lacan leu Freud pode ser encontrado em sua *Intervenção sobre a transferência*, proferida no Congresso dos Psicanalistas de Língua Românica em 1951.

Uma observação anterior: quando da publicação dos *Escritos*, Lacan apontou que naquela época ainda estavam amestrando os ouvidos ao termo **sujeito**. Na citada *Intervenção* afirmou:

"Se Freud assumiu a responsabilidade de nos mostrar que existem doenças que falam, e de nós fazer ouvir a verdade do que elas dizem, parece que essa verdade, à medida que sua relação com um momento da história e com uma crise das instituições nos aparece mais claramente, inspira um temor crescente nos praticantes que perpetuam sua técnica"<sup>2</sup>.

Como podem ver, Lacan leu Freud e restaurou a lâmina cortante da verdade: existem doenças que falam e eticamente é possível ouvir a verdade do que dizem. De igual modo, refere-se também ao terror que esta verdade inspira naqueles que praticam a psicanálise.

---

<sup>2</sup> LACAN, 1998, p. 216.

Como sabemos, Lacan dedicou o ano de 1961-1962 apresentando o *Seminário* que se intitula *A Identificação*. Dois anos depois, fundou a Escola Freudiana de Paris, período em que apresentou o *Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Nele, o fenômeno do automatismo da repetição é elaborado de forma contundente. Meu propósito é buscar uma articulação entre o que Lacan disse sobre o paradoxo do automatismo da repetição na lição 5 do *Seminário 9* e o desdobramento do conceito de repetição na lição 5 do *Seminário 11*. Não se trata de investigar o que de um está presente no outro, mas sim procurar acompanhar a gênese da passagem do simbólico para o real.

Por esta via, vejamos o modo como Lacan concluiu a Lição 5. Após interrogar seus ouvintes: *Será que vocês ainda estão me seguindo?*, afirmou:

O que quero designar é isto, que é facilmente esquecido em seu mecanismo, com o que temos de lidar no automatismo de repetição, que é isto: um ciclo, de algum modo tão amputado, tão deformado, tão corroído que nós o definimos. Desde que é ciclo e que comporta retorno a um ponto final, nos podemos concebê-lo sobre o modelo da necessidade, e da satisfação<sup>3</sup>.

O ciclo se repete, diz Lacan. E para ilustrar a função de ciclo, faz referência à repetição na digestão: o ciclo digestivo. Neste momento, Lacan se interroga: *é a isto que nos referimos quando falamos, na análise, do automatismo de repetição?* Se a análise permite apreender a repetição sintomática, é na medida em que o que se repete de forma cíclica já está lá, diz Lacan, não para preencher a função natural de signo, mas para presentificar o significante como tal, este número que o funda, o Um - traço unário. Aqui podemos articular a frase tomada de Euclides com a qual Lacan abre a Lição 5: *"Isto que é a unidade, isto pelo que cada um dos seres/senhos<sup>4</sup> é dito ser um Um, é pelo intermédio da unidade que cada um desses seres vem a ser dito um, que o número não é outra coisa que esta espécie de multiplicidade*

---

<sup>3</sup> LACAN, 1999, p. 55.

<sup>4</sup> senhos do latim *singulos*, 'um por um', 'um em cada um'.

que surge precisamente da introdução das unidades, das mônadas<sup>5</sup>. Lacan traduz a palavra *monás*<sup>6</sup>, do grego, por unidade e a designa como o **traço unário**. É nesta perspectiva que nos fala da função da unidade como fator de coerência por meio do qual alguma coisa se distingue do que o rodeia, faz um Um: *O traço unário, enquanto suporte como tal da diferença*.

Este aspecto encontrei elucidado no verbete *traço unário* do *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, organizado por Pierre Kaufmann: "o nome próprio funciona como traço porque importa uma diferença pura: ele se transmite, mas não se traduz. No surgimento do sujeito, há igualmente a marcação de uma função numérica, na medida em que o sujeito encontra por meio de sua subjetividade um objeto por definição impossível: o traço unário é, portanto, 'o significante, não de uma presença, mas de uma ausência apagada', como diz Lacan". Mais adiante, o autor do verbete indica que o traço unário estará no centro da repetição: "Esta se funda, num erro de conta (...) Trata-se portanto de compreender a marcação de um "um" em relação à subjetividade do sujeito, de maneira que ele possa (se) contar". Por isso, "a repetição pressupõe o fundamento de um Um primordial constituído no lugar de uma falta, de um apagamento originário"<sup>7</sup>.

Com este pressuposto sobre a função do traço unário, Lacan fez sua leitura do capítulo VII - A identificação, do livro de Freud intitulado *A psicologia das massas e análise do eu* de 1921. Considera que sua articulação sobre a função do traço unário encontra-se ancorada na **segunda espécie de identificação**, que Freud chamou de regressiva.

---

<sup>5</sup> Em Biologia o conceito refere-se a um organismo muito simples, que se poderia tomar por unidade orgânica. Em Filosofia, segundo Leibniz, mônada é uma substância simples, i. e., sem partes, que, agregada a outras substâncias, constitui as coisas de que a natureza se compõe. (In: Dicionário Aurélio Eletrônico).

<sup>6</sup> No *Dicionário de Filosofia* de Ferrater Mora encontramos a seguinte definição de **Mônada**: Os pitagóricos usavam o conceito para designar a primeira unidade, fundamental e última da qual derivam os números. Literalmente: só, solitário, único. "A mônada é a unidade, mas não é unidade por ser o uno, ou o número um, mas é o uno, ou o número um, por ser a unidade, isto é, o fundamento de todo um". Avaliando o histórico do conceito, o autor afirmou que ele só adquiriu um estatuto filosófico central em certos autores do começo da Idade Moderna (como Nicolau de Cusa e Giordano Bruno) e teria encontrado em Leibniz sua plena encarnação. Para designar substâncias estritamente individuais, Leibniz introduziu o termo *monas* numa carta datada de 13 de março de 1696. Observem que Lacan vai utilizar o conceito, desprovido de toda e qualquer substância, reduzi-lo à função de traço único.

<sup>7</sup> KAUFMANN, 1996, pp.561-562.

Se retomarmos o resumo que Freud apresentou dos três tipos<sup>8</sup> de identificação podemos verificar o seguinte: *primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional (afetivo) com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual.*

Como vimos, é com o segundo tipo que Lacan vai estabelecer conexão para pensar a função do traço unário. O caráter regressivo é apontado como necessário para articular o automatismo de repetição. *Toda escolha de objeto*, diz Freud, *regredir para a identificação: o eu assume as características do objeto*. Isto é, a identificação é sempre parcial (amputada, corroída, como disse Lacan) porque toma emprestado apenas um único traço da pessoa objetualizada. Ou um sucedâneo, um substituto.

Esta possibilidade de substituição indicada pela função do traço unário permitiu a Lacan resgatar sua trajetória desde a conferência sobre a tríade "O simbólico, o imaginário e o real" de julho de 1953, que por sua vez reenvia ao relatório "Formulações sobre a causalidade psíquica" apresentado nas Jornadas Psiquiátricas de Bonneval em setembro de 1946. Seu propósito é interrogar a ênfase no simbólico e o modo como esta atribuição foi se familiarizando desde então. A ponto de Lacan constatar que perdemos daí o frescor correlativo do que chamou de efeito de choque, de supresa. Também se refere a uma recaída ou degradação, de um certo extraviu do uso da função do símbolo e do simbólico. É por isto que Lacan procurou fazer uma espécie de varredura do horizonte de seu ensino.

Foi aqui que pude entender a advertência que fez a seus ouvintes: previniu-lhes contra um modo de compreensão que chamou de *Gestalt antropomórfica*, ou seja, aquele modo de distinguir a ordem da natureza e a ordem da cultura, considerando esta última fundada na ordem simbólica. Não pude deixar de pensar numa certa referência implícita à célebre *Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty, publicada em 1945. Este, considerava a *Gestalttheorie* a psicologia requerida pela fenomenologia

---

<sup>8</sup> Ou três fontes, como traduzido pela Edição Standard Brasileira. In: FREUD, 1976, p. 136.

de Husserl. É bem verdade que esta referência ao simbólico ocupou todo cenário da filosofia contemporânea.

No entanto, pareceu-me que a questão de Lacan consiste em demarcar o efeito do significante no real e isto certamente implicaria um realinhamento da tríade tal como apresentado no *Seminário 11* onde será elaborado a função do real na repetição.

Antes de dar o próximo passo, faço intervir a leitura que realizei do livro de Philippe Julien, *O retorno a Freud de Jacques Lacan*. Na 4ª parte, intitulada "Em direção ao real", o autor contextualiza a situação institucional no início da década de 60 considerando que para Lacan tratava-se de ir mais longe do que Freud. A situação caminhava para o seguinte desfecho: "*os seus ouvintes tem de escolher: ou manter a voz da instituição IPA, sacrificando Lacan, em nome de Freud, o ancestral; ou ir, com o texto freudiano, além de Freud*"<sup>9</sup>.

Julien considerou que durante a década de 50, a leitura que Lacan realizou de Freud estava centrada na "*relação de prevalência do simbólico sobre o imaginário. Continuar a estabelecer esta relação deixaria ainda em suspenso o que diz respeito ao fim da análise*"<sup>10</sup>. Pareceu-me que é justamente esta relação é interrogada por Lacan no *Seminário 9*. E o paradoxo do automatismo da repetição é certamente a via pela qual esta relação de prevalência tende a se deslocar quando uma nova questão irá se impor: qual a relação do simbólico com o real? Julien sustenta que a única via é a da escrita, ou seja, o que tem de letra, na palavra. De fato, é apenas pela letra que a relação do simbólico com o real pode finalmente ser apresentada.

Aqui damos o passo em relação à Lição 6, onde a função significante é apresentada como *ponto de amarra de alguma coisa de onde o sujeito se constitui*. Este ponto de amarra é designado pelo **nome próprio**. Para apresentar sua hipótese, Lacan faz incidir a argumentação de Bertrand Russell de um lado e Allan Gardiner de outro. Desde o lugar de lógico, o primeiro concebe o nome próprio em seu formalismo demonstrativo: um nome designa o particular em sua particularidade. Já o segundo, lingüista egiptólogo, sustenta que é na dimensão sonora que o nome próprio encontra sua distinção, "é

---

<sup>9</sup> JULIEN, 1993, p.89.

<sup>10</sup> Idem, p. 88.

enquanto ele veicula uma certa diferença sonora que ele é tomado como nome próprio".

Contrapondo os dois autores citados, apresenta o nome próprio em sua vinculação com a função da letra. A hipótese de Lacan é a seguinte: *"o que representa o advento da escrita é o seguinte: que alguma coisa que já é escrita - se nós considerarmos que a característica é o isolamento do traço significante - vem poder servir como suporte deste famoso som sobre o qual Gardiner põe todo acento no que diz respeito aos nomes próprios"*. Em outras palavras, *a característica do nome próprio é que sempre mais ou menos ligada a este traço de sua ligação, não ao som, mas à escrita*.

Se a letra funda toda e qualquer possibilidade de haver nome próprio, Lacan vai formalizar o estatuto do sujeito no intervalo, isto porque o significante é o que representa um sujeito para outro significante<sup>11</sup>. Como afirmou Julien, a letra é a estrutura essencialmente localizada do significante, portanto, trata-se de articular o que há de letra na formação do sujeito. Por isso, o que torna o nome próprio é a ligação não ao som (como pensava Gardiner), mas à escrita.

Pensar a letra na ordem do traço implica sustentar a relação da linguagem com o real: *"O sujeito lê um traçado já o denominando, antes que sirva, mais tarde, para transcrever a língua falada. O que ele lê? Não o traço do exemplar único, mas um contável, diferente do outro"*<sup>12</sup>.

Para concluir, no *Seminário 11* Lacan afirmou que o conceito de repetição nada tem a ver com o conceito de transferência e que a repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise por causa da identificação da repetição com a transferência na conceituação dos analistas. Ter desvinculado a repetição da transferência abriu-lhe a possibilidade de tocar na ossatura do real no que tem de mais inapreensível.

#### Referências Bibliográficas:

---

<sup>11</sup> Nisto o significante se difere do signo, que é o que representa alguma coisa para alguém

<sup>12</sup> JULIEN, 1993, p.112.

FREUD, Sigmund *A psicologia das massas e análise do eu*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JULIEN, P. *O retorno a Freud de Jacques Lacan - a aplicação ao espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KAUFMANN, P. (org.) *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques Séminaire IX - L'Identification. Paris, 1999. Revisão da tradução de Ivan Corrêa, cotejada com a versão da Associação Freudiana Internacional por Maria Riata Salzano Moraes.

\_\_\_\_\_ "Intervenção sobre a Transferência". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ "Entrevista". In: *Psicanálise e ilusões contemporâneas*. Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA - Porto Alegre: Artes & Ofício, 1994.